

"O Homem e o Sal"

O MARNOTO: O «demiurgo» da actividade Lagunar

Há dez séculos o «Homem» descortinou na paisagem uns epidérmicos aluviões que iam surgindo pelas esconsas beiradas, à medida que a laguna se afirmava.

O ambiente, então pouco prometededor, não O reduziu; antes O desafiou! Nessas areias ainda movediças, «semeadas» por entre a vida marinha, logo nelas foi capaz de descortinar uma réstia de esperança. Descalço, de manaias bem arregaçadas, tronco vigoroso ressoando na untura brilhante que o «aquilão» vindo da serra lhe provocava, tratou de erguer uns muros de torrão lamacento com que visou aprisionar as águas lagunares, para as subdividir num rigoroso esquema geométrico - que mais pareceu traçado a régua e esquadro - em *viveiros*, *algibés*, *caldeiros*, *talhos e cabeceiras* para que o sol e o vento fizessem o supremo milagre de transformar a salsugem na alvura cristalina do sal.

O Homem - aqui - foi o sujeito da reacção suprema sobre a natureza.

Logo que esta punha a descoberto uma ruga nas águas calmas da laguna, logo ele se atirava sob torreia que lhe ressumava o rosto em bagas de suor sofrido, pernas das ceroulas enroladas até ao cimo, camisa arregaçada até aos sovacos, entregando-se num bulício esfalfante de modo a sacar-lhe da epiderme a flor de sal que ia como que por magia *florir* no que antes era só água.



E se preciso fosse, voltando - uma ...duas... e muitas vezes mais -tantas quantas precisas fossem - a começar tudo de novo,se a avareza da ria com os seus caprichos lhe abrisse fendas nas muralhas do seu reduto.

Era uma tarefa afadigada, um calvário, uma escalavrada amanhação, que tinha o seu início antes do raiar do Sol e só findava quando este deixava de esparramar sobre as águas os últimos beijos com que acariciava a sua eterna namorada –a laguna – escondendo-se numa afogueada despedida lá para as bandas do mar. Ao outro dia haveria que começar tudo de novo.



E assim era....

Assim que o choro dum maçarico rasgava o silêncio da madrugada anunciando o despertar do sono da repousada laguna - toda ela ainda embrulhada pelo manto ténue da neblina que lhe desfocava a nitidez dos contornos, era já tempo de o marnoto descer aos tabuleiros, para num esforço rorejante escoar as *comedoiras*, dar corpo à *bimbadela das barachas e canejas*, *estranger e almanjarrar* as lamas, cotejar a cura da marinha para *botadela*, refazer a *moira*, ou *ariar* as funduras dos tabuleiros; tempo de *bulir*, de *rer* o sal para o amontoar nas mulas. Para onde, correndo em passo andarilho manja -léguas, o moço afadigado pecendo pular nas traves, carregava o canastro num prodigioso exercício de equilíbrio de «aramista» do «circo» da vida . Tudo sob sol impiedoso ou do vento desarcado vindo lá da serra.

Tempo para que na paisagem se fixassem em tela impressionista os pontilhados dos cones de sal de alvura virginal que, qual espelhos, reflectiam miríades de fogachos rasgando a quietude da paisagem.



Cai a noite e com ela um silêncio por onde não perpassa vulto, nem sequer avejão. Apenas o estridente arrepio do maçarico se atreve a romper de novo a paz irreal como que a despedir-se até ao novo clangor com que anuncia o despertar. Do silêncio vem a espaços o «chape- chape» de uma tainha que salta lá do fundo e se projecta brincalhona em voo rasante até de novo desaparecer nas profundezas lagunares. O luar permite uma espreitadela até aos contornos longínquos das *cigas*, barreiras que a circundam, por vezes esfumadas por ténue neblina que as envolve. São horas para a Laguna se aconchegar e preparar o seu sono. O marnoto, esse, cai exausto sem tempo para sonhar ou encher os olhos na visão onírica porque o corpo moído já o levou, entretanto, para longe do real.

Foi assim o Homem da Laguna:

Um pé na marinha, uma mão emborcando a escota da vela branca da bateira que deixava riscado na laguna o sulco de um afadigado labor. Mas tendo ainda tempo -arrojo e

perseverança - , para se atirar, «ali ao lado», à terra frágil, ao tempo ainda menina e moça, encharcada de luz e de água, para, num mourejar sofrido lhe «curar» as feridas, sacar-lhe as moléstias, revolver-lhe as entranhas, alimentando-a com o moliço : -loiros fios que catava na laguna, penteando-a com os ancinhos travados na tamanca do seu moliceiro. Que cedo percebeu, serem o húmus fertilizante capaz de dar estímulo às frágeis plantitas que ousavam vingar, e que, séculos mais tarde, se viriam a transformar nos verdes milheirais que debruaram as formas caprichosas lagunares.

“Há vários milhares de anos disse-nos José Almada Negreiros caíram aqui as célebres janelas do palácio do céu. Ficaram intactas as vidraças nos respectivos caixilhos porque as janelas caíram sobre a relva miudinha. Hoje são as salinas

O Homem... venceu...

Dele Unamuno disse:

“são de facto como que exemplares de uma espécie, em outras partes já extinta”

Triste será o dia em que uma sociedade olvide o mourejo na expectativa de um mundo fácil em que o tempero do pão com que se alimenta, chegue por dádiva de uma próxima -ou longínqua – entidade, que não por exsudada labuta.

S.F.

